

O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR: AS VISÕES CONTEMPORÂNEAS DE ILLICH E FREIRE

Stérfane Araújo Ferreira

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
sterfaneferreira@hotmail.com*

Ryanne Mayse Chalega Lima

*Universidade federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns,
ryanne.lima@outlook.com*

Resumo: O Presente artigo visa discutir o papel da escola e do professor segundo a visão de Ivan Illich e Paulo Freire, visto que os autores são contemporâneos, com pontos de concordância que aproximam suas teorias, como o fato de reconhecer que o modo ao qual o fazer pedagógico nas escolas não rendem frutos, visto que a preocupação escolar é meramente assimilação de conteúdos e com graus de radicalidade diferentes, que os distanciam. Enquanto Paulo Freire defende uma escola diferente da que temos, sem autoritarismo e com discussões pautados nos assuntos da sociedade onde o indivíduo está inserido, Ivan Illich não acredita na escola como uma instituição de educação, propondo uma sociedade sem escolas, e direcionando o ensino-aprendizagem para uma perspectiva diferente da que é proposto pela escola, criticando a lógica conteudista e a instituição de uma sociedade baseada da escolarização. Desse modo, para confrontar a teoria, realizamos uma pesquisa de campo, de cunho etnográfico, na Escola Municipal Rosimery Tenório, localizada no município de Caetés-PE, no interior do agreste, localizada em um bairro periférico do município, com índices de violência e pobreza altíssimos. Assim o referente artigo será organizado em três partes: primeiro discorreremos sobre teoria radical de Illich, dando ênfase ao papel da escola e do professor segundo seu pensamento; segundo, trataremos da teoria de Freire, como seria essa fazer da escola diferente o qual ele defende e qual o papel do professor em sua proposta. E por fim, um confronto entre a teoria dos referentes autores com a realidade de uma escola pública de um bairro periférico.

Palavras-chave: Papel do professor, Papel da escola, Paulo Freire, Ivan Illich.

Introdução

O fracasso escolar é um assunto que a décadas vem sendo debatido, tanto por autores que são referência para a educação como pelos professores, é unanime que existe uma defasagem no fazer da escola, em como o trabalho é desenvolvido nessa instituição que deveria ser de educação, que acaba por não educar e contribui para a lógica da sociedade escolarizada e a hierarquização do conhecimento, para pautar essas discussões e entender o que é a lógica da sociedade escolarizada e como acontece a hierarquização do conhecimento, refletindo sobre o papel da escola e do professor nesse processo temos como referência Ivan Illich e Paulo Freire.

É de suma importância diferenciarmos, de início, escola de educação, a escola, assim como a igreja por exemplo, são instituições, o que Illich chamar

vai de substancia, já a educação, assim como a religião, é proveniente das relações/processos sociais que independem da instituição. Assim Illich não acredita que a instituição seja necessária, o simples fato do aluno está na escola, instituição, não significa que ele está sendo educado e o fato de não estar na escola, não significa que não esteja sendo educado, de outros modos, sem a presença do professor e acaba que os processos são facilmente confundidos com a substancia. Assim Illich pensa a partir do coletivo, e não acredita nos aparelhos ideológicos, e afirma que a escola não cumpre seu papel de instituição de educação, que as crianças vão à escola para serem adestradas, aprisionadas, para aprender conteúdos e alimentar o sistema capitalista. A crítica que ele faz volta-se para o fato do diploma “atestar” aptidão para alguma função, quando na verdade quem não frequentou a escola pode ter adquirido em um outro processo que não se restringe ao professor-aluno na escola, mas por não ter esse “atestado” seu conhecimento não é reconhecido, não serve para o mercado de trabalho, “na escola, alunos matriculados se submetem a professores diplomados para obter também eles diplomas”. (ILLICH, 1985. p. 123). Esse fato acaba contribuindo para uma hierarquização e o faz acreditar que para que haja aprendizagem não necessariamente precisa-se da figura de um professor e muito menos frequentar a escola.

Paulo Freire, da pedagogia progressista, pensa também a partir do coletivo, sugere que o trabalho na escola seja desenvolvido com temáticas da realidade do aluno, que a educação seja problematizadora, seja uma ação cultural, para despertar sua criticidade, para os problemas da sociedade onde está inserido, principalmente na relação de oprimido e opressor, Freire não desacredita na escola, mas alerta, que do jeito que está não funciona, a educação como esta instituída, atrelada ao capitalismo, colabora cada dia mais para a estagnação e conformismo de ante da realidade imposta. O modelo de “educação” instituído, mata o poder de criticidade nos alunos, o professor é tido como o soberano em relação ao saber e os alunos apenas meros recebedores dos conhecimentos que são tratados como se unicamente o professor o domine, e tem o dever de transferi-los para os alunos. “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2005, p. 68), assim o ensino “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo” (Freire, 2000, p. 101). Desse modo, Freire defende a dialogicidade, o juntar e pensar, uma educação baseada no diálogo, em que ambas as partes estejam dispostos a dialogar, desse modo “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria / Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo. ”

(FREIRE, 2003, p. 22) uma escola onde o professor não seja considerado o único detentor de conhecimento, e que o aluno é desprovido do mesmo, ou que não pode contribuir com o que sabe, esse modo de fazer a “educação” que ele chama de educação bancária, mas de fato, isso só mudará, quando a escola não for mais amarrada pelos currículos, com propostas somente conteudistas, pois “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (p. 104). Deste modo, o presente estudo tem como objetivo discutir o papel da escola e do professor a partir da ótica dos pensamentos de Freire e Illich e confrontar com a realidade de uma escola da rede pública do município de Caetés-PE

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo com cunho etnográfico, visto que se leva em consideração a condição socioeconômico dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para Appolinário (2011, p. 75) a pesquisa etnográfica ou estudo etnográfico tem por objetivo:

[...] descrever e analisar práticas, crenças e valores culturais de uma comunidade. É um tipo de estudo comum na Antropologia, Sociologia e Psicologia, no qual os dados são coletados normalmente, através da observação participante do cotidiano da comunidade. (p. 75)

A abordagem adotada na pesquisa foi a qualitativa, na qual visamos a qualidade dos dados obtidos e não quantidade, visto que nosso objetivo não é quantificar, para Rodrigues e Limena (2006) a abordagem qualitativa é:

Quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos. É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, poderemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias. (p. 90)

Para obtenção dos dados o principal instrumento de coleta de dados foi a observação, que para Gil (1999):

[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados [...]. (p. 73)

É um instrumento que possibilita uma aproximação necessária com o fenômeno que permitirá visualizar tal qual acontece, de forma clara. Para Ludke

e André (2012) é o método de coleta de dados que “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que representa uma série de vantagens.” Como complemento da observação, conversas informais com e entrevista semiestruturada. Por motivos éticos não revelarei a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A escola em estudo é a escola Municipal Rosimery Tenório, localizada na zona urbana do município de Caetés-PE em um bairro periférico, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental. A escola atende a 152 alunos do 1º ao 5º ano, dividido em dois turnos, manhã e tarde, no turno da manhã atende a turmas do 1º ao 3º ano e no período da tarde do 3º ao 5º ano, a maioria dos alunos matriculados residem próximo a escola, os demais de sítios próximos. A escola conta com uma Gestora, formada em letras, uma coordenadora, formada em pedagogia, um corpo docente formado por 8 professoras, todas pedagogas, dois porteiros, 2 cozinheiras e 2 serviços gerais. Na escola também funciona o Novo Mais Educação, que é uma iniciativa do governo Federal na implantação da escola integral nas escolas do ensino fundamental da rede pública, assim a escola conta com 6 mediadores, 3 de campos do conhecimento (Português e Matemática), 1 de esporte e lazer, 1 de desenho e 1 de música e dança.

Resultados e discussão dos dados obtidos

Para Illich, a escola não é a única instituição que aliena as massas, mas a escola “escraviza mais profunda e sistematicamente, pois unicamente ela está creditada com a função primordial de formar a capacidade crítica e, paradoxalmente, tenta fazê-lo tornando a aprendizagem dos alunos” (ILLICH. 1985. p.60). Isso evidencia-se na fala da professora quando a perguntamos sobre sua opinião diante do papel da escola, ela nos respondeu que “*além de ensinar conteúdos a escola desenvolve outras coisas no aluno, eles aprendem a serem críticos, a olhar para o mundo de uma forma diferente, resumindo, a escola prepara para a vida*” ao obtermos essa resposta a questionamos se ela acreditava que somente a escola ensina e prepara para a vida, e tivemos como resposta que “*não, mas o que realmente é importante se aprender é na escola*”. Em uma sociedade escolarizada, crer-se que a escola é o único meio de proporcionar aprendizagens e desenvolve o senso crítico, mas na verdade não é esse o processo que ocorre. O que o aluno vai aprender ou não é condicionado por um currículo, que é moldado a partir do sistema capitalista, que instiga apenas o consumo, com conteúdo que muitas vezes pouco é do interesse de quem ali está para ser educado, pouco contribui para uma formação emancipatória, e só contribui para que cada vez mais alimentasse a crença que a libertação do homem, vai acontecer por meio da

instituição, assim “A desescolarização está, pois, na raiz de qualquer movimento que vise à libertação humana.” (ILLICH. 1985. p.60). Para que possa desconstruir a convicção que a escola vai proporcionar uma educação que faça o homem sair da condição que se encontra ou é submetido. Para construir uma sociedade diferente, é necessário antes pensar em um modo diferente de educar os homens dessa sociedade que se pretende modificar, assim torna-se “urgente desescolarizar não somente a educação, mas também, a sociedade” (ILLICH, 1985, p. 23). Se a sociedade for desescolarizada, a hierarquia de que quanto tempo mais o sujeito passou na escola, maior seu nível de instrução e maior seu prestígio social acaba, não é difícil perceber essa relação de poder que é inculcado no discurso das pessoas, quando as crianças que estão na escola foram questionadas porque estão ali, é unânime a resposta “*para ser alguém na vida*”, por isso Illich questiona a proporção que o diploma tomou diante da sociedade, e defende que se desescolarizar a sociedade, as crianças “não serão obrigados a seguir um currículo obrigatório ou a serem discriminados porque não têm um diploma” (ILLICH, 1985, p. 28).

Mas se Illich é contra a escola, afirma que ela não cumpre seu papel, o que a substituiria? Para essa pergunta Illich (1985) deixa claro sua concepção de educação e afirma que:

A maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo, a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. As crianças normais aprendem sua primeira língua casualmente, ainda que mais rapidamente quando seus pais se interessam. A maioria das pessoas que aprendem bem outra língua conseguem-no por causa de circunstâncias especiais e não de aprendizagem sequencial (p. 28).

Assim se é dado oportunidades iguais a todos que querem aprender, permiti o acesso a diferentes meios de informações educacionais, como por exemplo bibliotecas, visita a lugares, dar espaço para que as pessoas compartilhem seus conhecimentos e aptidões com os outros, e que as pessoas que querem aprender tenham livre escolha de o que é de seu interesse aprender, como querem aprender, sem a figura do professor e da escola a aprendizagem ocorre, de forma muito mais leve do que na escola e sem a obrigatoriedade. A educação aconteceria por meio das teias educacionais, que seria essas coisas anteriormente listadas.

Paulo Freire, assim como Illich, faz uma crítica ao que as escolas dizem ser educação. Para Freire a educação é o diálogo, se não a o diálogo, logo não se está educando. Freire (1987, p.39) diz, “a educação libertadora, problematizadora, já

não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente” diferente do que presenciamos na escola, visto que a professora não abre espaço para as contribuições das crianças e durante conversas reclamou das carteiras disponibilizadas a seus alunos, que não possibilitava a formação de filas, segundo ela facilitaria seu trabalho visto que dificultaria que as crianças conversassem e prestasse atenção quando ela falasse. Na perspectiva de Freire, o professor vai assumir um papel diferente do que estamos habituados, ele não será a “caixinha do conhecimento” que vai repassa-lo para os alunos, pois essa postura não educa, pois não a o diálogo, Segundo Freire (1987):

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (p.33)

O conhecimento é tratado numa relação vertical, onde em cima está o professor e em baixo o aluno. O que Boaventura vai chamar de Razão indolente, a uma inferiorização dos conhecimentos que não são tidos como científicos, aqueles que são dominados pelos professores, assim ele ignora o saber dos alunos numa relação de poder, o conhecimento tido como científico é mais importante, é melhor do que o conhecimento adquirido por outros meios, que não a escola. Boaventura constatou que houve a instituição de um único saber como verdade, no caso, o saber científico, ele se desvincula do saber do senso comum numa relação de superioridade, hierarquia e autoritarismo.

como qualquer conhecimento especializado e institucionalizado, a ciência tem o poder de definir situações que ultrapassam o conhecimento que delas detém. É por isso que a ciência pode impor, como ausência de preconceito, o preconceito de pretender não ter preconceitos (2000, p. 107).

Assim, não permitindo um diálogo entre o educador e o educando, e para Freire (1977) “O educador não é aquele que somente ensina, mas aquele que, durante a ação educativa, é também educado pelo diálogo com o educando” (p. 68). Desse modo, o processo de ensino aprendizagem deve ser baseado em uma relação horizontal, ninguém sabe mais, e o professor da devida abertura para que o educando de suas contribuições acerca do que é discutido, e assim, mutualmente, todos aprendam.

Um outro ponto relevante de sua proposta para a educação é uso de círculos de cultura, no qual é escolhido o que ele chama de tema gerador, que nada mais é um assunto que faz parte do cotidiano e vivências de quem está ali para ser educado, assim não se tem mais uma “pedagogia da resposta”, e sim problematizações e diálogos sobre o tema gerador, tendo como objetivo a tomada de consciência do oprimido sobre sua condição. Desde os primeiros dias de observação, percebemos que *Maria* (nome fictício), aluna dessa turma na qual realizamos a pesquisa tinha um comportamento peculiar, apresentando problemas de dicção, que já deveriam ter sido superados, tendo como referência a idade, apresentando poucos cuidados de higiene e dificuldades na aprendizagem. A partir desses fatos constatados, buscamos uma maior aproximação com a criança, nos nossos primeiros diálogos ela contou que o conselho tutelar frequentava sua casa, quando questionada sobre qual o motivo das visitas ela não soube responder, assim recorremos a Gestora que detalhou o caso. A mãe de *Maria* é usuária de drogas, a espancava muito, assim perdeu sua guarda para a Avó materna, quanto ao pai está preso, o motivo desconheço, nem a gestora e nem a professora souberam nos informar, a irmã mais velha de *Maria*, de aproximadamente 17 anos, que em relatos da criança é quem faz sua higiene, como o banho, a leva para a escola, está grávida. Devido a aproximação que tivemos com *Maria* ela sempre relata episódios do que se passa na sua casa, entre esses relatos ela contou que presenciou a tentativa de assassinato de sua mãe e as surras que sua mãe leva do atual companheiro, no qual ela também já tem um filho com ele. Sua irmã que está grávida, não tem um relacionamento estável com o pai do bebê, assim mora na mesma casa: *Maria*, sua mãe, sua avó que tem sua guarda, o atual companheiro de sua mãe, a irmã e um tio. Outro caso muito recorrente é o alcoolismo, a maioria dos pais bebem regularmente, e no período de coleta de dados, na escola teve um caso de um garoto de 12 anos que chegou em casa embriagado. A partir desses casos, Indagamos a professora se ela tratava sobre esses assuntos como a gravidez precoce, alcoolismo e ela nos disse: *“não, na verdade vez ou outra quando o município propõe que seja tratado algum assunto específico, como no início do ano que tivemos que trabalhar violência contra a mulher, então foi uma semana vivenciando o projeto com eles, mas algo bem pontual, não podemos perder tempo com esses assuntos, porque no fim do ano o que nós cobram é se a criança sabe ler ou não.”* A educação para a libertação deve possibilitar aos homens e mulheres que mudem suas visões de mundo e de si mesmos, assim o oprimido deve aprender a “dizer, ler e escrever o mundo” (FREIRE, 1977, p. 68: “educação libertadora, fundada em problemas, é a ação de conhecer – de nascer com”). A educação baseada na palavra, possibilita a reflexão, por parte

do excluído do modo de produção capitalista, como o opressor molda a sociedade a sua volta, toma consciência dos artifícios utilizados pelo opressor para dominar, instiga também a socialização de tais reflexões com outros oprimidos, assim a educação tendo como base a palavra, ela assumirá “duas dimensões: a reflexão e a ação. Assim, a verdadeira palavra é práxis da liberdade” (FREIRE, 1971, p. 72).

Conclusão

Visto que a escola está localizada em um bairro com muitos problemas sociais, é de suma importância a discussão de tais temáticas na escola, como o uso de drogas, violência doméstica, alcoolismo, questões sobre gravidez na adolescência. São temáticas inerentes ao convívio social daquelas crianças, e a única preocupação é assimilação de conteúdo, a escola faz vista grossa a essas questões, visto que o sistema as levam a isso, assim deixando de lado temáticas mais relevantes do que que propriamente o conteúdo estipulado pelos currículos. O conhecimento sobre o assunto que os alunos têm, não advém de discussões na escola.

“Paradoxalmente as pessoas, quando pressionadas a especificar como adquiriram o que sabem e valorizam, prontamente admitem que o aprenderam, as mais das vezes, fora e não dentro da escola. Seu conhecimento dos fatos, sua compreensão da vida e do trabalho lhes adveio pela amizade ou pelo amor, enquanto assistiam televisão ou liam, pelo exemplo de colegas ou por uma dissensão resultante de um encontro na rua.” (ILLICH, 1985a, p. 123-124)

Os conteúdos ministrados, em sua maioria, não são de seus interesses, pouco tem vínculo com seu dia a dia, o motivo de estarem lá é unicamente para “ser alguém na vida”, ideia essa imposta pela lógica da sociedade escolarizada, que para atestar conhecimento e conseguir bons cargos é necessário o diploma, enquanto são educados pela televisão, pela internet, pelos amigos, algumas vezes de modo equivocados, mas são as informações que lhes são disponibilizadas e serão essas as suas referências, visto que a escola não cumpre o seu papel de educar.

A escola não problematiza, não discute e não escuta o que os alunos têm a dizer, a um distanciamento entre o professor e o aluno, principalmente o “problemático”, o sistema educacional não dá brechas para que o professor/gestor/coordenador possa se engajar nas questões pessoais dos alunos e abre um enorme espaço para responsabilizar o aluno por seu fracasso num sistema que o leva a isso. Quando não se problematiza e discute-se, como propõe Freire, a tendência é que a criança se mantenha nessa condição de fracassado, “*Maria não aprende, que não para quieta para me escutar quando estou explicando alguma coisa*” de ter que se conformar e não criticar, não ser educado a isso. Não

que seja uma regra, mas Maria estar suscetível a engravidar muito nova, naturalizar a agressão contra a mulher, pois a escola não está preocupada em refletir sobre suas práticas e assim despertar a criticidade do aluno e tira-lo da condição de que mulher, pobre, negra tem que se submeter a algumas situações.

Referências

- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. 175p.